

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS NORDESTE
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPOS BELOS
CURSO DE LETRAS

HELOIZE GONÇALVES PINHO

A LITERATURA PERIFÉRICA DE LÍLIA GUERRA: UMA ANÁLISE DA OBRA *O CÉU PARA OS BASTARDOS*

Campos Belos – GO
2023

HELOIZE GONÇALVES PINHO

A LITERATURA PERIFÉRICA DE LÍLIA GUERRA: UMA ANÁLISE DA OBRA *O CÉU PARA OS BASTARDOS*

Artigo Científico apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Nordeste, Unidade Universitária de Campos Belos, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

Área de concentração: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Esp. Carlos Fernandes Alves

Campos Belos – GO
2023

A LITERATURA PERIFÉRICA DE LÍLIA GUERRA: UMA ANÁLISE DA OBRA *O CÉU PARA OS BASTARDOS*¹

Heloize Gonçalves Pinho²

Universidade Estadual de Goiás - UEG
UnU Campos Belos – GO

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar e discutir as características da literatura periférica na obra *O céu para os bastardos* de Lília Guerra. Publicada recentemente, a narrativa traz as mazelas sociais e afetivas de uma periferia denominada Fim-do-mundo, esquecida pelo poder público. Por meio de estudo bibliográfico, analisamos como se dá relação entre espaço e os personagens (femininos e masculinos), com o intuito de mostrar o estilo dessa autora contemporânea. Para embasar nosso estudo, usamos como arcabouço teórico Candido (2002, 2011), Ferréz (2001), Nascimento (2006), Miranda (2013), dentre outros autores. Percebemos que a obra se encaixa da definição de literatura de escrivência, pois a autora aborda aspectos que já vivenciou.

Palavras-chave: Literatura Periférica. Camadas Sociais. Mazelas sociais.

ABSTRACT: The present work aims to analyze and discuss the characteristics of peripheral literature in the work *O céu para os bastardos* by Lília Guerra. Recently published, the narrative presents the social and emotional ills of a periphery called End-of-the-World, forgotten by public authorities. Through bibliographical study, we analyzed how the relationship between space and characters (female and male) occurs, with the aim of showing the style of this contemporary author. To support the study, we used Candido (2002, 2011), Ferréz (2001), Nascimento (2006), Miranda (2013), among other authors, as a theoretical framework. We realized that the work fits the definition of writing literature, as the author addresses aspects that she has already experienced.

Keywords: Peripheral Literature. Social Layers. Partner problems.

Introdução

A literatura como arte da palavra se transformou ao longo do tempo em uma forma de expressão potente. As forma de criação são diversas e as produções podem desempenhar diferentes funções sociais. Ao longo do tempo se tornou um grande mecanismo de registro histórico e por abordar, também, recortes sociais e culturais, pois mesmo que não tenha que a responsabilidade de representar a realidade, ainda o faz. Além disso, se mostra como meio de crítica social e revelação dos sentimentos humanos.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso elaborado sob a orientação do Professor Especialista Carlos Fernandes Alves como quesito para conclusão do Curso de Letras. Professor EBTT Substituto do Instituto Federal de Goiás, Câmpus Uruaçu e Docente Substituto do Curso de Letras, UEG - Unidade Universitária de Campos Belos.

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Campos Belos. E-mail:

É nesse aspecto social que se insere literatura marginal/periférica. É um espaço de resistência e empoderamento, na qual vozes marginalizadas encontram espaço para expressar suas experiências e questionar as estruturas sociais dominantes. Como exemplo, temos, Lilia Guerra, uma escritora contemporânea que tem sido reconhecida por suas obras ao explorar temas como gênero, raça, classe social e outras formas de opressão.

Mesmo com poucas obras publicadas, ela tem tido muita visibilidade: convidada para eventos acadêmicos, entrevistas em canais de televisão – A última no dia 01 dezembro do corrente ano na TV Globo; *podcasts* literários, bate-papos em plataformas de *streaming*, além de ser muito citada nas redes sociais. Ela traz uma gama de personagens da periferia paulista para as suas produções que se confundem/misturam com sua trajetória, como mulher preta e periférica.

Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo examinar a contribuição da literatura periférica de Lilia Guerra para a representação feminina e a contestação do poder dominante, além de expor as críticas sociais presentes em sua obra *O céu para os bastardos*, publicado em setembro desse ano. O romance traz uma abordagem das mazelas sociais enfrentadas por uma camada da sociedade, além de desnudar sensações e sentimentos dessas pessoas, sobretudo, mulheres.

Para alcançar os resultados desejados, a metodologia adotada foi o levantamento bibliográfico. Buscando uma melhor organização, o artigo está dividido em três tópicos principais. O primeiro aborda o papel que a literatura assume na sociedade. Já o segundo, abordamos sobre os conceitos e características da literatura periférica/marginal, com o intuito de demarcar nosso território. Por fim, o terceiro tópico se subdivide em três partes nas quais se busca analisar o espaço descrito na obra de Lília Guerra, as personagens femininas desenvolvidas por ela e o papel social e afetivo dos personagens masculinos.

1. O papel humanizador da literatura

A literatura tem desempenhado um papel fundamental na sociedade ao longo dos séculos, transcendendo as barreiras do tempo e do espaço para nos proporcionar uma visão rica e complexa da experiência humana. Uma das facetas mais marcantes desse poderoso meio artístico é sua capacidade de humanizar (Cândido, 2002), de mergulhar nas profundezas da psique humana e trazer à tona as complexidades que nos tornam quem somos. Ao explorar temas universais, dilemas morais, aspirações e imperfeições, a literatura nos convida a refletir sobre nossa própria humanidade e a estender a mão para compreender as dos outros.

Segundo Vincent Jouve (2012), a literatura desempenha um papel fundamental no enriquecimento da existência e no desenvolvimento do espírito crítico do leitor. Além disso, ela pode ampliar a experiência humana e promover a liberdade de juízo. Outra reflexão abordada pelo autor é que a literatura pode ser uma ferramenta para a formação de leitores críticos e reflexivos, capazes de compreender e interpretar diferentes discursos presentes na sociedade. Nesse sentido, a literatura pode contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados em questões sociais e políticas.

Candido (2011), ao dissertar a respeito dos direitos fundamentais ao ser humano, elenca o direito à literatura entre eles. Ele reforça que “pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (Candido, 2011, p. 172). Isso implica reconhecer que todos os indivíduos detêm os mesmos direitos fundamentais, reconhecendo bens físicos, mentais e espirituais como ditos incompressíveis, ou inegáveis, para a sobrevivência humana:

[...] a luta pelos direitos humanos pressupõe a consideração de tais problemas, e chegando mais perto do tema eu lembraria que são bens incompressíveis não apenas os que assegurem sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (Candido, 1988/2011, p. 176).

O que caracteriza as necessidades humanas como algo a mais que as esferas que envolvem o bem estar físico, mas incluindo o desenvolvimento mental e espiritual do homem nos direitos fundamentais. De modo que a vida cotidiana é imersa na cultura da sociedade em que se vive estando em uma relação de influência mútua. Assim, a literatura como arte e como uma construção cultural enriquece e fortalece a mente e o espírito do homem, possibilitando o viver para além do sobreviver, encontrando em diversos tipos de textos literários, alternativas que facilitem o enfrentamento dos desafios experienciados na vida.

Assim, ao definir a literatura “da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade” (Candido, 2011, p. 176) é possível inferir que mesmo não citando obras populares, incorpora obras que antes tenham sido desprezadas pelo cânone literário³. Essa definição também a enquadra como parte cotidiana da vida das pessoas, estando presente nas mais diversas formas de modo que nem

³ Entende-se por cânone literário o conjunto de obras consideradas clássicas e que fazem parte da alta cultura. Sendo reconhecidas e valorizadas por alguma característica específica, como: Valor estético, originalidade, entre outros.

sequer um dia seja desprovido do mergulho no universo poético “a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (Candido, 2011, p. 177). Em outra obra, o autor defende:

Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que decerto é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares (Candido, 2002, p. 80).

Dessa forma, de acordo com o excerto, também sugere que a literatura é uma ferramenta que desempenha uma função psicológica de saciar a necessidade humana por entretenimento, pela fantasia e pela ficção como um direito fundamental à vida. É esta fantasia que aflora e desenvolve a imaginação, que se mostra fundamental na formação humana e na construção da personalidade. “E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sintetizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas” (Candido, 2002) com vista a contemplação como arte.

A literatura, porém, não se configura como única fonte de fantasia, levantando o questionamento “A literatura tem uma função formativa de tipo educacional?” (Candido, 2002, p. 82). Segundo o autor, o uso das obras literárias dentro de um contexto educacional, não devem ser tratadas da maneira tradicional, tendo em vista que o seu uso majoritariamente como uma forma de elevação humana e de edificação do homem prejudica o desenvolvimento da identidade.

Usar a literatura com o único objetivo de uma construção de uma moral e de certos valores de boa conduta aos alunos pode se mostrar contraditório, uma vez que as obras literárias abordam diversos temas da vida humana e muitos aspectos que integram as personalidades dos personagens que a compõem. Alguns destes escancaram a dualidade da natureza humana, impedindo que se acredite em uma pessoa que seja completamente boa e sem defeitos.

Nesse contexto, Candido (2002) discute o papel da obra literária como reconhecimento e construção da identidade do indivíduo dentro de um grupo, na qual “o leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e, deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade” (p. 92). Em concordância, Sartre (2004) explica que o escritor tem o papel de mediador na aproximação do leitor com o mundo e outras realidades.

Mas desde já podemos concluir que o autor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade. [...] Do mesmo modo, a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele. (Sartre, 2004, p. 21).

Deste modo, a literatura enriquece o indivíduo com experiências que revelam o homem de forma integral, incluindo toda complexidade da natureza humana, visto que os textos literários, em sua maioria na fantasia, fundamentam sua criação nas ideias da mimese e da verossimilhança. Como defendido por Aristóteles (2008),

[...] parece ter havido para a poesia em geral duas causas, causas essas naturais. Uma é que imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações.” (Aristóteles, 2008, p. 42).

Assim, a mimese se configura na transformação da realidade em arte, pela tendência natural do homem em imitar a natureza e o faz de modo verossímil, sendo esta a capacidade textual de parecer real e se fazer crível.

Tanto nos caracteres como na estrutura dos acontecimentos, deve-se procurar sempre ou o necessário ou o verossímil de maneira que uma personagem diga ou faça o que é necessário ou verossímil e que uma coisa aconteça depois de outra, de acordo com a necessidade ou a verossimilhança. (Aristóteles, 2008, p. 68).

O desenvolvimento de uma história que obedeça a uma coerência interna e se torne plausível ao leitor, ou seja, o discurso literário pode ser baseado em uma realidade concreta do mundo, dessa forma, a representação do ser humano deve ocorrer em sua totalidade, com todas as nuances que a personalidade pode expressar.

Paradoxos, portanto, de todo lado, mostrando o conflito entre a ideia convencional de uma literatura que eleva e edifica (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (Candido, 2002, p. 84-85).

A literatura exprime a autenticidade do homem em diversas situações e suas respostas às desavenças, demonstrando que não existe alguém de todo mal ou de todo bom mas a ambivalência da existência humana. É no toque com as obras literárias que o leitor amplia seus

horizontes, conhecimentos e ambições. As histórias exteriorizam os conflitos internos que podem servir de base para a descoberta dos conflitos dos próprios alunos. Assim o imaginário reflete o real.

Logo, demandam da narrativa um teor baseado no real e concreto, de modo que mesmo que o mundo criado obedeça a certa estrutura, “o plano estético é o decisivo. De fato, sabemos que em literatura uma mensagem ética, política, religiosa ou mais geralmente social só tem eficiência quando for reduzida a estrutura literária, a forma ordenadora” (Candido, 2011, p. 181). Com isso, o leitor compreende acerca da capacidade criativa que possibilita o desenvolvimento de uma realidade crível que se distingue da vivida por ele, alimentando a imaginação e o intelecto.

Destarte, a literatura não possui uma função de elevação da moral e bons costumes, mas põe o leitor em contato direto com a realidade ficcional que reflete a natureza humana como tal, por isso a literatura “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (Candido, 2011, p. 175). Em concordância a isso, Lajolo (2002) destaca que é no contato com a literatura que amplia o conhecimento que possui, além da realidade em que vive e interage, constituindo a literatura como um campo privilegiado da leitura, ou seja, a literatura pode ser uma ferramenta importante para a formação dos alunos, permitindo que eles ampliem seus horizontes e compreendam melhor o mundo em que vivem.

Ela não se constitui apenas como necessidade básica, mas se configura e se valida em seu papel humanizador. A influência que exerce na construção do sujeito e suas habilidades de reflexão, compreensão e de resposta a conflitos sociais.

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (Candido, 2011, p.177).

Dentro da escola, por exemplo, as obras literárias enriquecem emocionalmente e intelectualmente o aluno, expondo-o às diferentes maneiras de se posicionar e de se reconhecer no mundo. Com isso, a literatura permite que se chegue a lugares inalcançáveis através da leitura é, portanto, no contato com a literatura que o estudante tem acesso à experiência e culturas diversas sem a necessidade de explorar e vivenciar presencialmente uma extensa gama de momentos.

A literatura está presente no cotidiano de tantos modos que por vezes passa despercebida e não se trata apenas de textos eruditos, de modo que sua influência na construção da identidade e da personalidade é um fato incontestável. Expõem perspectivas diversas e colabora para as pessoas refletirem sobre temas que talvez antes não fossem considerados importantes, aumentando a capacidade de entendimento de diferentes discursos e visões de mundo.

Assim, quanto maior for o contato com as várias modalidades literárias maior será a construção de importantes características humanas. Nessa empreitada é necessário ir para além de textos clássicos e não se abster de incluir produções comumente denominadas como periféricas, visto que possuem grande valor literário nas representações de cenários vividos pelo homem.

2. Literatura marginal ou periférica?

A literatura marginal pode ser compreendida como aquelas produções que por um motivo ou outro se encontram à margem do sistema literário, pois “a Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo” (Ferréz, 2002, p. 3). Essa marginalidade confina produções que não se adequam ao padrão cultural dominante como precária, socialmente inferior e as situam à beira ou à margem da sociedade.

A primeira denominação de literatura marginal surgiu no ano de 1970, entretanto, o conceito de marginal estava vinculado às produções que não se enquadravam nas formas comerciais de divulgação e circulação vigentes para a época, sem muitas características próprias de escrita, apenas uma tentativa de maior liberdade na produção e expressão. Foi um movimento protagonizado por artistas, escritores e intelectuais com fácil acesso à cultura letrada. Como Carlos Alberto Messeder Pereira afirma:

Efetivamente, num sentido material e institucional, esta produção poética é marginal; isto é, tanto sua produção quanto sua distribuição se dão fora do universo das editoras e distribuidoras. A venda se dá geralmente, de mão em mão, sendo realizada muitas vezes pelo próprio autor ou por amigos deste e percorrendo um circuito mais ou menos fixo de bares e/ou restaurantes, portas de cinema, teatro ou mesmo universidades (Pereira, 1981, p. 16).

Esses textos eram produzidos e editados pelos próprios autores, além de impressos a mão em mimeógrafos, o que levou os artistas a serem conhecidos como a “geração do

mimeógrafo”. A distribuição também era feita de mão em mão sem recorrer a editoras, à margem da industrial cultural sem preocupação com a renovação dos padrões estéticos, mas propondo mudanças no modo de se pensar a cultura e a prática cultural para não só o proposto pelo padrão erudito.

[...] o tipo de “margem” em questão era aquela que entendia o livro como artefato, concebido dentro de um sistema considerado marginal (produtivo, distributivo e de consumo), mas não o seu escritor, pois o criador não está à margem da sociedade, trata-se, a verdade, do oposto: ele é parte de uma camada social que usufrui de condições privilegiadas de existência, ao menos no âmbito econômico e/ou cultural. Condições essas que inclusive permitem o entendimento de seu objeto cultural como algo contracultural; que, se por um lado procura inverter a posição de sua visão social de mundo, por outro, não altera, nem pretende alterar, o seu lugar na dinâmica social. (Miranda, 2013, p. 9).

É possível inferir, portanto, que a marginalidade estava ligada ao modo de produção e circulação dos trabalhos criados por esses autores, entretanto a característica marginal não se atrelava aos criadores. Apesar deste ponto, esta geração contribuiu com uma nova perspectiva de frente a uma relação hegemônica de poder. Como Heloísa Buarque de Holanda argumenta:

A recusa das “formas sérias do conhecimento” passa a configurar um traço importante e crítico de uma experiência de descrença em relação à universalidade e ao rigor das linguagens técnicas, científicas e intelectuais. E essa atitude anti-intelectualista não é apenas uma forma preguiçosa ou ingênua, mas outra forma de representar o mundo (Hollanda, 2004, p. 111-112).

Deste modo, os “marginais de 70” adotaram posicionamento crítico frente às formas hegemônicas editoriais, mesmo que pertencentes às camadas privilegiadas, reforçam uma descrença em relação às universidades e ao rigor técnico. Traço que os diferencia da ressignificação marginal proposta por Ferréz (2001), que reconhece e valoriza a origem periférica dos indivíduos que produzem obras literárias, portanto os dois movimentos se concretizam em espaços sociais e geográficos distintos. De fato, para Érica Peçanha Nascimento (2006), houve o surgimento de uma nova geração de literatura marginal quando a revista “Caros amigos” publicou produções literárias dos moradores de bairros periféricos.

A publicação do livro de Ferréz intitulado *Literatura marginal: talentos da escrita periférica* (2005) delimitou um novo tipo de escritor marginal com aspectos que mudaram as definições na escrita e posicionamento dos autores dentro desse novo movimento cultural. Apesar de outros escritores já serem classificados como marginais, abordarem os mesmos temas

e pertencerem aos mesmos espaços subalternos não se enquadram na literalidade da margem descrita por Ferréz.

Inquestionavelmente a precursora de narrativas provenientes das experiências vividas na favela são os escritos de Carolina Maria de Jesus como *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), mas o sentimento de pertencimento a uma comunidade são divergentes, ainda que se aborde em seu trabalho as dificuldades oriundas da sua origem social desvalorizada e dos espaços subalternos a que pertenceu, as obras de Carolina foram produzidas buscando uma libertação de sua condição periférica. Como ressaltado por Miranda (2013):

Toda a luta de Carolina Maria de Jesus – e de outros sujeitos cujas histórias são narradas por ela – era para sair da favela, espaço que violentava sua dignidade. Vitoriosa, ela conseguiu, através da publicação de seu livro, realizar tal desejo. Não havia, absolutamente, na favela do Canindé onde a autora viveu, a ideia de pertença a uma comunidade, muito forte nos discursos mais contemporâneos acerca da vivência nas periferias...(Miranda, 2013. p. 5-6).

Deste modo, os textos produzidos nos moldes marginais-periféricos possuem linguagem e tons próprios, trazendo à tona temáticas e denúncias escritas por aqueles que as vivenciam, mas é evidente a diferença entre a literatura periférica contemporânea e as enunciações discursivas de Carolina de Jesus, quando se observa que a luta travada pela autora era mais pela subjetividade e reconhecimento como criadora de discurso. “Com efeito, a busca de Carolina está centrada num ponto diferente deste: ela reivindica o próprio ethos de escritora, isto é, a constituição da subjetividade na linguagem, a imagem de si no discurso, enquanto autora de discursos” (Miranda, 2013. p. 6-7), assim, foi através da escrita que encontrou maneiras de se libertar deste espaço e de construir sua subjetividade na linguagem, sem se restringir ao universo que buscou se distanciar.

É preciso também salientar que existem diferenças simbólicas entre as favelas dos anos 1950, época em que *quarto de despejo* foi publicado e as favelas atuais. De todo modo, as publicações neste formato problematizam os padrões estéticos e políticos a partir da definição dada por Ferréz (2001) a sua própria obra “trata-se de ser o tema, morar dentro do tema”. Essa definição sugere que a literatura periférica não é apenas sobre a periferia, mas é uma forma de habitar e experimentar a periferia.

A referencialidade é um ponto de partida efetivo e afetivo, ou seja, a literatura periférica é o relato, os pontos de vista e as vivências dos próprios protagonistas, como aponta Nascimento (2006). Não é um diário cotidiano do que se imagina e espera que aconteça dentro do território periférico mas a perspectiva de quem experimenta na pele o dia a dia na favela.

É uma nova forma de construir discursos literários que legitime as criações dos próprios indivíduos que ocupam esses marginalizados e esquecidos, constituindo uma busca por desvincular o termo com as definições pejorativas existentes e que normalmente são atreladas à palavra marginal, com o propósito de que uma nova interpretação surja e seja reconhecida dentro dos espaços literários.

Um termo injurioso constitui uma sociabilidade negativa; este mesmo termo pode, no entanto, ser abraçado, saudado, afirmado, e utilizado estrategicamente para nomear um coletivo ativo e ativista, militante. O termo é utilizado pela afirmação localizada, apropria-se de sua herança negativa, inverte o estigma. [...] Apropriar-se dele é inverter o sentido da injúria, é transformar a marca do estigma em marca de circulação de um coletivo. O bonde chamado desejo. (Penna *apud*; Medeiros; Peçanha; Hapke, 2015, p. 14).

Com isso, reconstituir e remodelar o termo se configura em uma tentativa de apagar o estigma de que favelado não tem cultura e que não agrega nada de valor para a sociedade e por consequência adiciona orgulho a um rótulo que costumava ser depreciativo, ressignificando uma ideia e contribuindo na construção da identidade de jovens e adultos. Ao incorporar nos textos, raps, poemas e produções artísticas as características e especificidades de quem vive à margem, gera reconhecimento e sentimento de pertencimento.

Essa referencialidade se transfigura em um discurso hiper-representativo, que é sustentado em efeitos performáticos de "transparência" e "verdade", indicando que a literatura periférica busca ser transparente e verdadeira em relação às experiências e vivências dos autores e personagens, criando um discurso que é ao mesmo tempo estético e político.

O que se coloca hoje não é mais simplesmente o fato de que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas sim que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais. O problema da representatividade, portanto, não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro ou ao respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade das percepções do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala (Dalcastagnè, 2002, p. 34).

A autora destaca que, atualmente, o problema não é apenas que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas sim que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais. Ou seja, a literatura muitas vezes não reflete muitas das experiências e perspectivas que existem na sociedade. A autora argumenta que o problema da representatividade não se resume apenas ao olhar honesto do outro ou ao respeito por suas peculiaridades, mas se concentra no fato de que mesmo produzido não são todos os autores que encontram visibilidade ou reconhecimento.

Na verdade, está em questão a diversidade das percepções do mundo, que depende do acesso à voz. Isso significa que a literatura precisa dar voz a uma ampla variedade de perspectivas e experiências, e não apenas às perspectivas daqueles que monopolizam os lugares de fala. A ideia se alinha com o posicionamento do crítico Benjamin Abdala (1996) de modo que a leitura da margem deve ser produzida por quem a integra “é necessário, pois, que descentremos perspectivas: vamos observar as nossas culturas a partir de um ponto de vista próprio” (Abdalla, 1996, p. 88).

Essa nova ótica possibilita uma mudança de panorama na qual certos grupos têm visibilidade e representatividade como construtores de discursos, resultante de uma luta que vem sendo travada há muito tempo. Os marginalizados atuais estão usando esse espaço requisitado para “representar a cultura autêntica de um povo composto de minorias” (Ferréz, 2001, p. 3), uma cultura desenvolvida por indivíduos que por vezes foram silenciados e desprezados pelo padrão cultural. A escrita de quem “tem muito a proteger e a mostrar, temos nosso próprio vocabulário, que é muito precioso, principalmente num país colonizado até os dias de hoje, onde a maioria não tem representatividade cultural e social” (Ferréz, 2001, p.3), representando, com isso, uma cultura autêntica.

Ao instigar no leitor o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento e de reconhecimento, a literatura marginal/periférica também demonstra uma faceta formativa, além de estimular manifestações em defesa do direito de minorias e compor um espaço de denúncia que atravessa o literário e atua no contexto social. Exibindo a “literatura como um ato político que visa dialogar com as populações das periferias urbanas brasileiras” e planeja a “construção de um discurso que pretende «ensinar» ou «ampliar» a capacidade crítica do público, por meio de textos com fundo moral e/ou ético” (Nascimento, 2006, p. 80). A periferia tem seu próprio público e os escritores são responsáveis por abrir os olhos daqueles que desconhecem a realidade periférica.

Deste modo, o primeiro contato com os textos literários é mais aceito quando ocorre certo reconhecimento do leitor com a história, inserindo-o e facilitando o envolvimento com o literário, que por sua vez incentiva a busca do contato com outros tipos de obras. Da mesma forma que há uma necessidade de expor uma realidade para certas camadas sociais que não estão a par das dificuldades rotineiras de outros grupos sociais, como reconhece Paulo Roberto Tonani do Patrocínio:

[...] uma abordagem crítica de uma realidade concreta. A insistência nas formas de representação do território periférico no campo ficcional obedece a um impulso político próprio dos autores, de uma necessidade em expor as muitas feridas formadas

pelo reconhecido processo de marginalização social. O texto literário passa a ser um espaço de denúncia e de construção de uma visão crítica. Em outras palavras, a literatura surge enquanto forma de agenciamento político (Patrocínio, 2013, p. 61).

A esfera literária se torna apenas mais um componente em um contexto maior de reivindicações na tentativa de receber reconhecimento, unidas a outras modalidades que representam as condições do sujeito em condição marginal e “utilização da literatura enquanto veículo de um discurso que almeja uma representatividade política para um grupo silenciado” (Patrocínio, 2013, p. 17). É nesse contexto que se insere o livro *O céu para os bastardos* publicado em 2023 e, por esse motivo, nos centraremos nas definições de literatura periférica em que melhor se encaixa a autora Lilia Guerra e a obra escolhida como alvo da presente pesquisa.

3. *O céu para os bastardos*, de Lília Guerra

A romancista Lilia Guerra, nascida em 1976 em São Paulo, atualmente, trabalha como auxiliar de enfermagem no SUS. Usa o cotidiano para se inspirar e contar os contos que enchem seus livros. O primeiro livro publicado foi *Amor avenida*, lançado de forma independente em 2014 e que foi inspirado na história de como sua mãe conheceu seu pai, um homem mais velho que desapareceu quando a autora ainda tinha três anos. O próximo livro escrito foi *Perifobia* lançado pela editora Patuá em 2018, que foi finalista do Prêmio Rio de Literatura em 2019. É autora de outras obras como *Rua do Larguinho e outros descaminhos* (Patuá, 2021), *Crônicas para colorir a cidade* e *Novelas que escrevi para o rádio vols. 1, 2 e 3* (Patuá, 2022).

Se interessou pela leitura cedo e após publicar seu primeiro romance começou a frequentar uma oficina de escrita onde percebeu que fez “tudo errado” se dedicando a aprender como escrever e desenvolver sua escrita. Foi nesta oficina que tomou gosto pelo ato e onde criou a maioria dos contos que futuramente se tornaram o livro *Perifobia*. Os personagens de dos contos que escreveu se entrelaçam, de modo que se repetem ao reaparecem em outros livros, como é o caso de Sá Narinha, protagonista do livro *O céu para os bastardos*, nosso foco de análise nesse trabalho, que aparece pela primeira vez em *Rua do Larguinho*.

O céu para os bastardos é uma obra muito recente, publicada em setembro deste ano, 2023. A história é narrada por Maria Expedicionária, ou Sá Narinha como é conhecida em Fim-do-Mundo, favela onde mora. Ela trabalha na casa de uma família de classe média como empregada doméstica. O livro é narrado em tempo psicológico e trata de uma mãe cujo filho cometeu um crime, com ênfase nos sentimentos da genitora e as complexidades da vida. Escrito no ônibus e nas poucas horas vagas que a autora dispunha, representa um perfeito mosaico da

vida na periferia, com muitos personagens (porque na periferia há muita gente) que a autora faz questão de nomear e muitas histórias que retratam as vidas comuns de quem vive neste espaço.

Apesar do grande número de personagens, a forma autêntica de sua escrita torna o livro extremamente rico em material. Por este motivo, desenvolvemos o estudo em torno de três aspectos principais: o espaço em que a história é retratada – a periferia Fim-do-mundo; a representação das mulheres na obra e a representação dos homens, com vistas a mostrar as vivências e dificuldades.

3.1 O espaço

É possível perceber o grande contraste entre os ambientes em que a história se passa. A favela é sempre descrita como um lugar de pouca estrutura física, com pontos que ressaltam as violências das quais os moradores da periferia são expostos, mas um lugar muito solidário nos momentos de necessidade dos moradores. Ao descrever as ruas de Fim-do-Mundo se expressa bem as estruturas físicas do lugar “Como são sujas as ruas. As calçadas aleijadas. Fios repletos de restos de rabiola. Paisagem doente. Cheiro de fossa, correntezas de água podre beirando as guias.” (Guerra, 2023, p. 136).

Um ponto muito citado pela autora é a dificuldade de acesso a Fim-do-Mundo. “Mesmo sendo domingo a linha centro/Fim-do-Mundo sai abarrotada. Sempre. E os que rumam Fim-do-Mundo não são confortáveis como os que circulam nos bairros onde moram os grã-finos” (Guerra, 2023, p. 11), a quantidade de ônibus na linha se mostra insuficiente para dar conta da demanda, o que ocasiona em um transporte superlotado prejudicando a experiência do usuário que se sente “feito sardinha enlatada” (Guerra, 2023, p. 15).

Posteriormente é demonstrado que as condições para se amenizar o sofrimento desses moradores já é de conhecimento das autoridades competentes como observado na passagem

A engenheira explicou que é preciso rever o mapa da região, desenvolver planos de melhoria. Que o negócio é mesmo arquitetar elevações pra aliviar o fluxo. É preciso sair cada vez mais cedo. E voltar cada vez mais tarde. A engenheira também enfatizou que certo mesmo seria esticar a malha ferroviária. Mas a lonjura não é prioridade. (Guerra, 2023, p. 79).

Mais tarde essa falta de prioridade se mostrou clara. “Inauguraram uma nova estação de metrô perto da casa de Gerda, um lugar onde a necessidade não mora. Melhoraram o que já é bom.” (Guerra, 2023, p.79). Era fato que certas linhas precisavam ser ampliadas, mas cederam prioridade a quem sempre a teve.

O transporte não é o único problema, infelizmente a relação entre os residentes da favela com os usuários de drogas e os fornecedores também são descritos por Lilia “A esquina do bequinho fica perto do ponto final da linha Centro/Fim. Quem desce ali logo reconhece o cheiro típico. Os meninos queimam seus baseados, enquanto ganham o movimento” (Guerra, 2023, p.22). As violências decorrente da proximidade com este tipo de situação gera revolta e espaço para as denúncias tanto da falta de atitude das autoridades como da falta de empatia e respeito com quem está sujeito aos frequentes assaltos que começam a preocupar e assustar os moradores de Fim-do-Mundo.

Apesar das dificuldades provenientes de se viver nestas condições, a comunidade é representada como bastante unida. Demonstrando solidariedade nos momentos de dificuldade enfrentados pelos moradores. Algumas situações podem ser elencadas para indicar esses momentos. O primeiro a ser considerado é a união que surgiu no velório de Genuíno Amolador. Os residentes amparando os familiares enlutados, ajudando na organização e na preparação das refeições, as quais foram distribuídas entre os presentes. “Procuram retribuir o carinho com que foram tratadas pela família do falecido” (Guerra, 2023, p. 63) justifica a autora.

Existe também uma associação que ajuda em diversas ações sociais, como um orfanato e outras obras de caridade. A associação é formada pelos próprios moradores que procuram auxiliar as pessoas que chegam e as que já moram em Fim-do-Mundo. “Não fosse por Valdumira e Julinha, eu entregava minha casa de papel passado para a associação. Para fazerem dela um abrigo onde fosse possível dar guarida a quem realmente estiver sem recurso.” (Guerra, 2023, p. 61). Essa passagem ressalta que indivíduos se preocupam e se importam com os moradores da favela.

As situações elencadas acima são exemplo da representação física e social que se encontram na periferia existente no livro. Para o desenvolvimento e a criação deste ambiente a inspiração partiu da própria vivência de Lilia, moradora de uma favela em São Paulo. Ao se dedicar a escrita não há necessidade em representar uma realidade concreta, a autora faz uso da mimese, outrora discutida por Aristóteles (2008) para exprimir autenticamente ao descrever o local usado.

Ao observar tais descrições do espaço de Fim-do-Mundo com a realidade da autora, podemos dizer há uma junção: vida real e ficção. Conceição Evaristo (2017) define esse tipo de escrita como *escrevivência*, quando o processo criativo se assemelha com as vivências pessoais e/ou coletivas.

Foi meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de Becos, mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscava construir uma forma de escrevivência. [...] E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (Evaristo, 2017, p. 9).

Da mesma forma, retomamos o que ora foi discutido por Ferréz (2001) quando ele discute os conceitos e características de literatura periférica, fazendo com percebamos tais aspectos da obra de Guerra. Como dizia Ferréz (2001), ser o tema e morar dentro do tema.

3.2 A Representação da mulheres

Ainda que em seus livros Lília Guerra descreva os homens, as mulheres são sempre as protagonistas. Em uma entrevista à Folha de São Paulo, realizada pela jornalista Adriana Ferreira Silva, a autora respondeu esta mesma questão. A resposta se encontra em sua própria vida, quando aos quatorze anos, Lília passou por um aborto. No hospital sofreu violência obstétrica, o trauma a marcou e sem condições de conseguir acompanhamento psicológico como foi o recomendado pela médica que a atendeu na época, seu refúgio foi refazer a situação através da escrita.

Essa tentativa de reescrever a realidade se iniciou em *Rua do Larguinho* e pode ser percebida também nas personagens femininas no livro *O céu para os bastardos*, de modo que suas personagens femininas majoritariamente são descritas com certa exaltação, como no caso de Regininha. A garota era nora da protagonista, namorada de Júlio Cesar, descrita como muito querida por todos que a rodeavam. É a responsável pela alegria e pela angústia de Sá Narinha. O início do namoro foi comemorado com grande alegria, a menina é descrita como “Regina foi sempre delicada. Franzina e sonhadora. Queria se casar e ter filhos. Desejava experimentar amor.” (Guerra, 2023, p. 43-44).

Pode ser considerada como uma representação da boa moça e do ideal feminino na sociedade atual. Acabou por perder a vida ao não reconhecer um relacionamento tóxico. “Júlio a via como um brinquedo. Um brinquedo que desejava guardar só para si.” (Guerra, 2023, p.39). Associava o ciúmes doentio do marido como cuidado, mesmo frente a agressividade, perdoava. Provavelmente vítima de alguma manipulação por parte de Júlio, já que a garota demonstrava baixa autoestima “Confessou um dia que, na infância, temia nunca ser cortejada. Se achava miúda e corriqueira. Então Júlio César apareceu.” (Guerra, 2023, p. 42) O medo de não realizar o sonho de casar a levando a suportar os descontroles do marido.

A personagem demonstra como as construções sociais são impostas às mulheres desde a tenra infância. Influenciando que a mulher se submeta a circunstâncias que violam sua independência e dignidade a fim de garantir sua validação na sociedade e na manutenção da composição tradicional familiar. Como explicitado em outras passagens, é possível constatar que as mães solteiras eram alvo de comentários negativos e se sentiam envergonhadas da condição em que se encontravam. Deste modo a autora insere e traz visibilidade para temas complexos.

Em uma análise da personagem Maria Expedicionária, a protagonista, Sá Narinha, é perceptível que não demonstra nenhum amor maternal em especial pelo filho. Após machucar Regina o sentimento se transforma em culpa. Em vários momentos reforça que se arrepende de ter lhe dado a luz. De fato, mesmo ao ouvir as amigas falarem mal do filho, não conseguiu defendê-lo. “Busquei dentro de mim um punhado de indignação materna que fosse. Um abalo que me levasse a tirar satisfação com Doroteia, defender meu filho, romper com ela. Não encontrei” (Guerra, 2023, p. 41). A falta de empatia com o filho pode ser entendida pelo o que ele representava. Júlio Cesar era filho do homem que Valdumira, irmã de Sá Narinha, amava.

Mira, como a narradora se refere a irmã, é descrita quase como uma santa “Mira carrega um feixe pesado de castidade. Como se transportasse num ardor a imagem de uma santa esculpida em madeira maciça, cujos pés, desgraçadamente, parece que nunca hão de quebrar.” (Guerra, 2023, p. 60). Sá Narinha sente que roubou o amor que devia ser da outra, que ao saber de quem Júlio era filho, magoaria a irmã. Este também é o motivo de não assumir compromisso com o rapaz e posteriormente aceitar manter um caso extraconjugal quando ele já havia se casado com outra moça. Olhar para Júlio é um lembrete constante do pai, da relação que tiveram e dos sentimentos controversos que a relação proporcionou.

Apesar de não nutrir um sentimento profundo de amor maternal, ainda se importava com o menino. Enquanto Júlio César esteve preso, o orgulho e a culpa a impediram de visitar o filho na cadeia. Após sua morte, não vai ao velório mas ouve tudo que Bentinho – filho de sua patroa, dona Gerda – organizou e presenciou, demonstrando que no fundo nutriu ao menos um pouco de carinho por ele. “Não tive jeito de pedir para que ele não me dissesse nada. No fundo eu queria ouvir” (Guerra, 2023, p. 111).

Na obra de Lília, de fato, a maioria das mulheres são retratadas como bondosas, caridosas e corajosas. Mulheres que, em mais de uma ocasião, tiveram suas vidas arruinadas por um homem. Como Duca que fugiu do “carrasco que a perseguia dentro da própria casa” e acabou ficando viciada na “substância”. Jurema foi baseada em uma história real, morreu alvejada por tiros na frente dos filhos pois o marido se envolveu com o crime. A autora afirma:

“Isso acontece o tempo todo, e não quero que fique esquecido. Ela representa muitas mulheres.” (Guerra, 2023).

Mesmo as melhores regras possuem suas exceções, neste caso se trata de Dona Gerda, a madame que é patroa de Maria Expedicionária. Aqui a mulher representa todas as injustiças que na infância a autora presenciou enquanto acompanhava sua avó materna na rotina de empregada doméstica. D. Gerda é a personificação dos preconceitos dos patrões para com as domésticas, protagoniza as pequenas humilhações que são vividas nesta profissão.

O preconceito de Gerda não se resume apenas com quem Maria Expedicionária é, mas também com o lugar de onde veio “Ela me olhou como quem vê um monte de lixo. -Esse confim onde você mora... terra de selvagens!”. (Guerra, 2023, p. 113). Preconceito identificado e descrito pela narradora “Eu notava a insatisfação de Gerda em admitir que o filho tinha aquela natureza. Que se sentia bem em companhia de gente como eu. Uma mulher pobre. E preta. A Gerda é racista, sim! É evidente!”. (Guerra, 2023, p. 88). O racismo tão presente no Brasil que nesta família parece ser passado de geração em geração. Se pode presumir, afinal, a mãe de Gerda, Árvada, sempre atribuiu as empregadas da casa a responsabilidade pelo sumiço de um par de brincos. “Mãe e filha dedicavam tempo desconfiando que estavam sendo roubadas.” (Guerra, 2023, p. 32). É somente quase no fim do livro que se descobre que os brincos na verdade estavam com o neto.

Lilia Guerra registrava tudo em seu caderno, descreveu as situações desiguais e injustas que presenciou as mulheres da família passarem, no momento de publicar seu livro julgou que se “vingaria” ao expor tudo que acontecia. Escreveu sobre histórias das quais conhecia na tentativa de enunciar vidas que são silenciadas e por vezes esquecidas. Para que essas mulheres ao lerem se reconheçam retratadas através das personagens de Guerra e não mais esquecidas ou abandonadas.

3.3 A Representação dos homens

Os homens da obra, por sua vez, se caracterizam em antagonismo às mulheres. Se estas são representadas com qualidades admiráveis, os homens são a representação do machismo e da malandragem. O filho da protagonista, Júlio Cesar, não terminou sequer o ensino ginásial, mas conseguiu emprego na “marcenaria grande da avenida” (Guerra, 2023, p. 41). Apesar da mãe não sentir um forte amor maternal por ele, a infância foi regada pelo amor que a tia ofertava.

Em várias passagens é possível perceber certa veneração de Valdumira pela pelo menino, sempre o defendia e dava tudo que pedisse “Valdumira jamais desconsiderar as

vontades de Júlio.” (Guerra, 2023, p. 42), mesmo recebendo esse amor, Júlio Cesar demonstrou certos desvios de caráter desde jovem. Ainda na infância roubou um carrinho de brinquedo, desenvolvendo o pensamento de que tudo que queria deveria lhe pertencer. Isto certamente se aplicou aos relacionamentos, especialmente com Regina.

A obsessão do rapaz por Regininha despontou cedo, rondava o portão da moça até conseguir sua atenção. Quando o namoro se iniciou, “Júlio César achou que Regina lhe pertencia” (Guerra, 2023, p. 109), o relação dava sinais de descontrole, não gostava que as amigas de Regina visitassem a casa “Embora Júlio César se aborrecesse, as amigas de Regina vinham sempre (Guerra, 2023, p. 127). Regina era um objeto que deveria saciar as necessidades e os sentimentos de Júlio, abdicando de sua vida em prol da felicidade do outro.

Sabendo da morte de Regina, se suicida para procurar por ela no além vida. O relacionamento não era aprovado por D. Zildete, mãe de Regina, pois acompanhou com proximidade as muitas discussões do casal. Queria uma relação tranquila para a filha, mas não podia fazer nada quando Regina perdoava Júlio por seu descontrole repetidas vezes. Existem diversos casos de relações que se desenvolvem da mesma forma, a representação pode alertar outras mulheres que estejam em situação parecida para que rompam com o ciclo antes que algo mais grave aconteça.

De modo contínuo, as histórias narram muitos casos onde a mulher é abandonada pelo companheiro, em especial há dois casos. O primeiro de D. Erminha, que trabalhava com um carrinho de café na feira e se envolve com um rapaz, entretanto, a descoberta da gravidez o leva a se mudar para o Mato Grosso, abandonando a mulher. Há também o caso de Dinorá que se apaixonou por um branco que sumia e depois de algum tempo retornava. Em certa ocasião sumiu de uma vez por todas levando todas as economias e alguns pertences da casa que compartilhavam. Dinorá acreditava que o homem retornaria, mas definhou aos poucos. Mesmo os que continuam casados não aparentam bons maridos. “Otelo, o marido de Dolores, foi sempre um beberrão insensato.” (Guerra, 2023, p. 64).

À exceção do homem, temos o personagem Paulo Herbert ou Betinho, como é chamado por Sá Narinha. Filho de Gerda, o menino passava muito tempo com a Sá Narinha a qual acabou por apelidar de Xispê. É descrito como generoso “A bisca da Gerda tem um filho generoso” (Guerra, 2023, p. 88) se mostra muito solidário e nutre carinho imenso pela protagonista. Quando Regina morre, Sá Narinha se afoga em angústia, sem saber o que fazer. É nesse momento de vulnerabilidade que Betinho aparece pela primeira vez.

Oferece toda ajuda que pode à ela e a Valdumira. E posteriormente assume as responsabilidades pelo velório e sepultamento de Júlio César. “Bentinho ajudou no que pôde”

(Guerra, 2023, p. 96). Apesar de ter Gerda como mãe, se mostra mais apegado a Sá Narinha. Na infância, apreciava ficar na cozinha com ela, aprendendo a cozinhar, de tal modo que desistiu de se formar em medicina para estudar gastronomia. A decisão foi um grande golpe para Gerda que tinha altas expectativas com o futuro do rapaz.

Mesmo que ele e Sá Narinha pertencessem a núcleos sociais diferentes, Betinho não via distinção entre eles, quis se mudar “Uê! Você não mora? Sou melhor em quê?” (Guerra, 2023, p. 166), na intenção de abrir um restaurante em Fim-do-Mundo com a ajuda de Maria, em uma tentativa de proporcionar um lugar que fornecesse uma refeição agradável por um preço acessível. As atitudes de Betinho não condizem com as que foram ensinadas em casa “Chego a pensar que foi trocado na maternidade. Deve ter um filho de D. Gerda perdido por aí. Deve sim” (Guerra, 2023, p. 166). As divergências nos comportamentos de mãe e filho se devem principalmente à influência de Maria sobre o menino. O tempo que passaram juntos foi o catalisador para a mudança de certos pensamentos.

Ao relacionar as moradoras e os moradores com o espaço em que vivem, pudemos perceber muitas mazelas de ordem social, afetiva e financeira. Nessa relação, o sofrimento e as dificuldades recorrentes, começam ao raiar do dia e perduram até a volta para casa em um ônibus lotado. Ao se dedicar a escrita, mesmo que não haja necessidade de representar uma realidade concreta, a autora faz uso da mímese, outrora discutida por Aristóteles (2008), para exprimir autenticamente ao descrever o local usado.

Ao observar tais descrições do espaço de Fim-do-Mundo com a realidade da autora, podemos dizer há uma junção: vida real e ficção. Conceição Evaristo (2017) define esse tipo de escrita como *escrevivência*, quando o processo criativo se assemelha com as vivências pessoais e/ou coletivas.

Foi meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de *Becos*, mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscava construir uma forma de *escrevivência*. [...] E essa *escrevivência*, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (Evaristo, 2017, p. 9).

Da mesma forma, retomamos o que ora foi discutido por Ferréz (2001) quando ele discute os conceitos e características de literatura periférica, fazendo com percebamos tais aspectos da obra de Guerra. Como dizia Ferréz (2001), ser o tema e morar dentro do tema. A obra possui muitos pontos a serem discutidos. O nosso intuito era mostrar como a literatura periférica de Lília Guerra ganha destaque no espaço literário brasileiro.

Considerações Finais

É inegável o potencial de escrita de Lilia Guerra, e de como a autora tem despontado como grande nome de representação na literatura periférica contemporânea, retratando com maestria os cenários pintados na favela, descreve perfeitamente como se desenvolve o sentimento de pertencimento dentro da comunidade. Ao longo de todo o livro, descreve os diversos cenários que se desenrolam em dias típicos na periferia.

A escrita da autora confronta os padrões sociais em que os sujeitos se inserem e as posições que grupos minoritários ocupam. Ao retratar a favela, desenvolve complexas temáticas que cercam o ambiente e as vulnerabilidades a que estão expostas. O livro é repleto de críticas sociais que questionam o descaso e a falta de acesso a bens culturais que são imprimidos aos indivíduos marginalizados. A escritora é parte do novo movimento literário descrito por Ferréz (2001) de que não apenas fala sobre a periferia, mas a vive e tem orgulho de toda cultura produzida a partir disso.

Deste modo tem trazido visibilidade para este novo movimento cultural, se inscrevendo como um dos nomes que se utiliza da chamada escrevivência de Evaristo Costa para lançar luz e levantar temáticas que não costumam receber foco. Se fazendo necessário que sempre se iniciem debates a respeito de tópicos como esse, que legitime e reconheça a riqueza cultural produzida por pessoas que ocupam espaços marginalizados.

Referências

ABDALA JR, Benjamin. **Necessidade e solidariedade no estudo de literatura comparada**. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada. 3. ABRALIC. Rio de Janeiro, 1996.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas de Ana Maria Valente, prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. 3ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. (Coleção Textos Clássicos)

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: _____. Textos de intervenção. São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. **O direito à literatura**. In: _____. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea**. In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 20. Brasília, julho/agosto de 2002.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FERRÉZ. **Manifesto de abertura**: Literatura Marginal. In: Caros Amigos (Suplemento Literário) Literatura Marginal: a cultura da periferia: Ato I. São Paulo: 2001.

GUERRA, Lilia. **O céu para os bastardos**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023.

GUERRA, Lilia. O céu de Lilia Guerra. Quatro Cinco Um: a revista dos livros. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 de nov. de 2023. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/entrevistas/literatura-negra/o-ceu-de-lilia-guerra>. Acesso em: 07 de Dez. de 2023.b

HOLLANDA, Heloísa. **Impressões de viagem**: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2011. Livro digital.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues. **A experiência literária marginal em três atos**: O maldito dos anos 70, o “periférico” contemporâneo e a outsider Carolina Maria de Jesus. *Estação Literária*, v. 12, p. 332-342, 2013.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Literatura marginal**: os escritores da periferia entram em cena. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. **Escritos à margem**: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

PENNA, João Camilo. **Margem entrevista**. In: TENNINA, Lucía, MEDEIROS, Mário; PEÇANHA, Érica; HAPKE, Ingrid. *Polifonias marginais*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015, p. 13-19.

SARTRE, Jean Paul. **Que é a literatura?** ed 3.^a São Paulo: Ática, 2004



CURSO DE LETRAS

ATA DA SESSÃO DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 12 dias do mês dezembro de dois mil e vinte e três, às 20 horas e 30 minutos, nas dependências da Universidade Estadual de Goiás – UEG, Câmpus Nordeste, Unidade Universitária Campos Belos - Goiás, realizou-se a sessão pública de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A LITERATURA PERIFÉRICA DE LÍLIA GUERRA: UMA ANÁLISE DA OBRA O CÉU PARA OS BASTARDOS de autoria do (a) formando (a) **Heloize Gonçalves Pinho**. Os trabalhos foram instalados pelo (a) professor (a) **Carlos Fernandes Alves** com a presença dos demais membros da Banca Examinadora, Profa. Luciana Nogueira da Silva e Prof. Luiz Marles Gonçalves dos Santos e demais convidados. Após os procedimentos de apresentação, arguição e defesa, a referida banca reuniu-se em sessão secreta para concluir o processo avaliativo e emitir menção final ao conjunto do trabalho apresentado. Os membros avaliadores concluíram pela (X) aprovação; () reprovação do (a) aluno (a) Heloize Gonçalves Pinho, tendo esse alcançado à média 99, proclamada em público pelo (a) professor (a) Carlos Fernandes Alves, então presidente da sessão e orientador (a) do trabalho ora apresentado. Nada mais havendo a tratar, a presente ata foi concluída, lida e achada conforme, e vai assinada pelos membros componentes da banca e pelo aluno/autor, às 22 horas e 03 minutos.

Carlos Fernandes Alves

Presidente – Prof. Carlos Fernandes Alves

Luciana Nogueira da Silva

Membro – Prof. Luciana Nogueira da Silva

Luiz Marles Gonçalves dos Santos

Membro – Prof. Luiz Marles Gonçalves dos Santos

Heloize Gonçalves Pinho

Acadêmico (a) – Heloize Gonçalves Pinho

Campos Belos – Goiás, dia 12 de dezembro de 2023.

ANEXO I

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS.

Embasado na Lei Federal nº 9.610, de fevereiro de 1998, e na qualidade de titular dos direitos autorais, AUTORIZO, a Universidade Estadual de Goiás (UEG) a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional da UEG (Ri/UEG), regulamentado pela Resolução CsU nº XX/2022, sem ressarcimento de direitos autorais, em consonância com a permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção científica na UEG, a partir desta data, sendo assegurado o direito ao embargo temporário da publicação em sua totalidade, à exceção dos metadados, no repositório em razão de patente ou publicação de livro e/ou artigo científico.

1. IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Monografia (graduação) | <input checked="" type="checkbox"/> Artigo científico |
| <input type="checkbox"/> Relatório Técnico | <input type="checkbox"/> Capítulo de livro |
| <input type="checkbox"/> Plano de negócios | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> Revisão de literatura | <input type="checkbox"/> Projeto de software |
| <input type="checkbox"/> Produto técnico e educacional – Tipo: | _____ |

Nome completo do autor: Heloize Gonçalves Pinho

Matrícula: 12020001505

Título do trabalho: **A LITERATURA PERIFÉRICA DE LÍLIA GUERRA: UMA ANÁLISE DA OBRA O CÉU PARA OS BASTARDOS**

Curso / Programa: Letras – Língua Portuguesa/Inglesa e suas Respectivas Literaturas

Câmpus / Unidade / Polo: Câmpus Nordeste – Unidade Universitária de Campos Belos

Data de defesa: 12 de dezembro de 2023 – às 20h30min

2. RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO¹

Os casos de restrição de acesso, previstos em regulamento, poderão ser embargados por um período de até 12 (doze) meses a partir da data de defesa. Havendo justificativa o período

1 De acordo com Lattes.



poderá ser prorrogado por até 12(doze) meses dependendo de solicitação formal por parte do autor, em formulário específico, e deferimento do pleito pela sua Coordenação de curso.

2.1 O documento está em processo de solicitação de registro de patente? () SIM (X) NÃO

2.2 O documento será publicado como capítulo de livro ? () SIM (X) NÃO

2.3 O documento está em processo de submissão de artigo em revista científica? () SIM (X) NÃO

3. DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara que:

- A produção científica especificada é fruto de seu trabalho intelectual de forma original e por isso, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não fere os direitos autorais de terceiros (pessoa ou entidade), tanto quanto lhe é viável saber.
- Existindo material/informação/dado do qual não detém os direitos de autor, assegura que conquistou a autorização do detentor dos direitos de autor para outorgar à Universidade Estadual de Goiás, os direitos requeridos por esta licença, e reitera que os materiais de terceiros estão claramente identificados/citados/referenciados no conteúdo do documento submetido.
- Caso o documento entregue seja baseado em trabalho apoiado ou financiado por outra instituição que não a Universidade Estadual de Goiás, cumpriu todas as exigências do respectivo acordo ou contrato e, portanto, não há embaraço na disponibilização.
- Está ciente do Regulamento do Repositório Institucional da UEG aprovado pela Resolução CsU nº xx/2022.

Campos Belos – Goiás, 18 de dezembro de 2023

Local e data

Heloize Gonçalves Pinho

Assinatura do autor(a)

Heloize Gonçalves Pinho

Carlos Fernandes Alves

Assinatura do orientador (a)

Carlos Fernandes Alves